

PREFÁCIO DE
TIM KELLER

CONECTADOS



*Relacionando sua fé com o
que você assiste, lê e ouve*

DANIEL STRANGE

Um desafio claro e prático no engajamento à pregação do evangelho em nossa cultura. Inspirador e bíblico. Compre *Conectados: relacionando sua fé com o que você assiste, lê e ouve* e aplique as verdades dessas páginas ao contexto do seu dia a dia.

Gavin Calver, diretor de missão na Evangelical Alliance e chefe de Spring Harvest

Sem comprometer a profundidade ou a nuance, Daniel Strange torna o engajamento cultural acessível ao leigo. *Conectados: relacionando sua fé com o que você assiste, lê e ouve* é uma leitura divertida e que percorre diversas paisagens culturais. E mais, ele mostra como cada uma dessas paisagens trazem consigo desafios teológicos e como podemos responder enquanto cristãos, de modo cativante e gracioso, sem sermos ríspidos e herméticos.

Ted Turnau, autor de *Popologetics*

Seja qual for o seu pensamento acerca da relação entre o cristianismo e a cultura, encoraje-o a ouvir a contribuição brilhante de Daniel a essa temática.

Krish Kandiah, diretor fundador de Home for Good

Esse livro estimula o pensamento e a prática. Daniel Strange guia o leitor de forma habilidosa a uma jornada que o leva a confrontar e a se conectar com o que ele vê ao seu redor na mídia, no cinema e na televisão. Um livro muito necessário!

Nola Leach, chefe executiva de CARE

Um guia convincente, rico em conteúdo bíblico e muito prático quanto à relação entre o cristianismo e a cultura. Estou animado para colocá-lo nas mãos ou tablets das próximas gerações.

Mel Lacy, diretora de Growing Young Disciples

Nessa joia de livro, o experiente autor Daniel Strange consegue o que poucos conseguiriam. Ele processa para nós o difícil e complexo domínio dos estudos da cultura e o torna claro de forma natural. Acima de tudo, ele nos mostra por que devemos nos importar com o engajamento cultural e nos oferece recomendações cruciais sobre como fazer isso.

Daniel faz tudo isso em uma escrita cheia de imaginação, invejavelmente lúcida, bem ambientada, sem ser demasiadamente pop. Será um texto a se explorar por muitos anos, talvez até por muitas décadas.

William Edgar, professor de Apologética pelo Westminster Theological Seminary, Philadelphia, Estados Unidos

Um olhar moderno, generoso e cheio de humor sobre como podemos nos engajar com a cultura de forma intencional, agradável e efetiva. Anos de reflexão e ensino sobre esse assunto tornaram Dan Strange capaz de refinar suas melhores percepções nesse livro pequeno, mas astuciosamente afiado e persuasivo. A igreja moderna precisa de ferramentas como essa. Recomendo essa obra com todo o meu coração.

Richard Cunningham, diretor de UCCF: The Cristian Unions

Dan Strange nos ajuda a “parar e pensar”: analisar tudo que vemos e ouvimos, e a fazê-lo por meio das lentes da Escritura. Este livro é projetado para preparar essa geração do povo de Cristo a ter um engajamento fiel com a cultura ao nosso redor para a glória de Deus.

Sharon James, The Christian Institute

A cultura ocidental tem abandonando cada vez mais suas raízes judaico-cristãs, e isso nos leva a ter de pensar muito séria e cuidadosamente sobre a forma como devemos reagir. Daniel Strange oferece razões teológicas para desenvolvermos essa habilidade e orientação prática para chegar lá.

D. A. Carson, professor e pesquisador em Novo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School e autor de *O Deus amorado* (Shedd) e *Cristo e cultura* (Vida Nova)

É vital que pensemos sobre como ser cristão molda a interação com a cultura ao nosso redor, e não conheço guia melhor do que *Conectados*. Dan Strange apresenta, ao mesmo tempo, uma moldura bíblica e uma ferramenta prática, e mostra como a cultura pode ser um ótimo ponto de partida para falar sobre Jesus com nossos amigos e colegas. Recomendo esse livro com ênfase.

Tim Chester, pastor da Grace Church Boroughbridge, em North Yorkshire, Inglaterra, professor do Crosslands Seminary e autor de *Êxodo para você*, *1 Samuel para você* e *Tito para você* (Vida Nova)

CONECTADOS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Strange, Daniel

Conectados : relacionando sua fé com o que você assiste, lê e ouve / Daniel Strange ; tradução de Larissa Medeiros Nobre. — São Paulo : Vida Nova, 2021.
192 p.

ISBN 978-65-5967-002-4

Título original: Plugged in

1. Bíblia - Estudo e ensino 2. Tecnologia - Aspectos religiosos - Cristianismo 3. Cristianismo e cultura 4. Vida cristã I. Título II. Nobre, Larissa Medeiros

21-0956

CDD 261

Índices para catálogo sistemático

1. Cristianismo e sociedade : Tecnologias

PREFÁCIO DE
TIM KELLER

CONECTADOS



*Relacionando sua fé com o
que você assiste, lê e ouve*

DANIEL STRANGE

TRADUÇÃO
LARISSA MEDEIROS NOBRE


VIDA NOVA

©2019, de Daniel Strange

Título original: *Plugged in: connecting your faith with what you watch, read, and play*,
edição publicada pela THE GOOD BOOK COMPANY (Epsom, Surrey, Reino Unido).

Imagem da p. 142: ©National Centre for Domestic
Violence, 2018. Usada com permissão.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da
New International Version. As citações bíblicas com indicação da versão *in loco* foram
traduzidas diretamente da King James Version (KJV).

DIREÇÃO EXECUTIVA
Kenneth Lee Davis

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Jonas Madureira

EDIÇÃO DE TEXTO
Danny Charão
Marcia B. Medeiros

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Matheus Belmont Nobre

REVISÃO DE PROVAS
Abner Arrais

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Sandra Reis Oliveira

CAPA
Wesley Mendonça

Dedicado a Bill (Edgar)
e a Ted (Turnau),
por serem ambos mentores e amigos
nesta excelente aventura.

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	11
<i>Prefácio</i> , Timothy Keller	13
Introdução	17
1. O que é a cultura (e por que você deveria se importar).....	25
2. A história da cultura	45
3. A cultura como história.....	65
4. “Posso assistir...?”	81
5. Confronte e conecte: a teoria	101
6. Confronte e conecte: na prática.....	111
7. Sua vez: engajamento cultural para discípulos.....	123
Aqui estão alguns exemplos.....	147

AGRADECIMENTOS

Este livro é fruto do que tenho ensinado no Oak Hill College e em outros lugares ao longo dos últimos catorze anos. Ensinar e aprender no contexto de uma comunidade cristã de residentes continua sendo uma maravilhosa alegria e privilégio. Então, para os alunos de Oak Hill, do passado e do presente, um enorme obrigado.

Agradeço em especial a Anja Lijcklama à Nijeholt, a Martyn Beardsley, a James Crooke e a Rosanne Jones por sua gentileza em permitirem que seus trabalhos em Oak Hill fossem usados como exemplos já desenvolvidos. Tenho muito orgulho em mostrar seus trabalhos.

Agradeço a Carl Laferton de The Good Book Company por ter feito o projeto andar, assim como por sua paciência quando isso não aconteceu. Agradeço à minha editora Rachel Jones por sua habilidosa caneta vermelha (ok, “alterações rastreadas”) que me mostrou todas as vezes que eu estava equivocado ao considerar que algo era “acessível”.

Agradeço a Noah por ler um rascunho inicial, juntamente com o restante da subcultura da família Strange, que continua a me desenvolver para melhor: Elly, Isaac, Micah, Hetty, Keturah, Ezra, Gideon e a vovó.

Soli Deo gloria.

PREFÁCIO

Certa vez ouvi meu professor contar uma história sobre Paul Tillich, um teólogo alemão que era muito proeminente nos círculos acadêmicos. Quando meu professor era um jovem acadêmico em um seminário dos Estados Unidos, recebeu a incumbência de moderar uma discussão após uma palestra pública dada por Tillich. Os alunos começaram a fazer perguntas, mas o palestrante convidado sempre reformulava completamente e “corrige” a pergunta antes de respondê-la.

Finalmente meu professor tomou coragem e disse:

— Professor Tillich, essa não foi a pergunta do aluno. O senhor pode responder à pergunta que ele realmente fez?

A resposta foi rápida e esmorecedora:

— Não, porque eles não estão fazendo as perguntas certas.

Talvez isso fosse parcialmente verdade, meu professor concluiu, mas o resultado disso foi que os alunos se desligaram e rejeitaram Tillich.

Dan Strange sabe que cristãos contemporâneos se parecem muito com aquele palestrante ineficaz. Acreditamos que “Jesus é a resposta”, mas somos tão insensíveis às forças culturais ao nosso redor que muitas vezes o apresentamos como resposta a perguntas que as pessoas não fazem. Claro que, por causa do pecado, o ser humano falha em fazer a pergunta mais fundamental de todas: “Como posso, sendo um pecador, ser bom diante de um Deus santo e justo?”. E ainda assim, como Dan mostra neste livro, a imagem de Deus em todas as pessoas e a graça comum têm por implicação que as pessoas também fazem

algumas perguntas certas: “Quem sou eu? Qual é o sentido da vida? Como posso encontrar verdadeira alegria e realização?”.

Toda cultura produz “contextos” — coisas para assistir, ler e jogar — com base nas respostas a essas grandes perguntas. Dan Strange nos mostra, do modo mais acessível que já vi, como fazer uma análise da cultura cristã. Isto é, ele nos ajuda a identificar as respostas culturais específicas a essas grandes perguntas, seja qual for o contexto. Então, ele mostra como avaliar essas respostas, mas também como reconhecer suas aspirações fundamentais, e finalmente, como redirecionar as pessoas a Cristo como o verdadeiro cumprimento daquilo que buscam e a verdadeira resposta às suas perguntas.

O método básico utilizado aqui foi elaborado por alguns missiólogos do século 20. O nome “cumprimento subversivo” descreve perfeitamente a abordagem. O cristão deve mostrar a pessoas de outras religiões e que tem outra cosmovisão que o evangelho cumpre os anseios e as aspirações mais fundamentais do ser humano, mas ao mesmo tempo devem condenar os falsos ídolos em todas as culturas nos quais as pessoas buscam encontrar a satisfação para tais anseios. O cumprimento subversivo evita os erros semelhantes do sincretismo e da irrelevância. O pecado não deve ser apenas denunciado de modo geral, mas também nas formas idólatras específicas encontradas na cultura. A salvação não deve apenas ser declarada de forma geral, mas também como aquela que preenche as próprias esperanças que a cultura erroneamente deposita em seus ídolos.

Em *Conectados: relacionando sua fé com o que você assiste, lê e ouve*, Dan Strange toma esse método, traz para o século 21 e o torna admiravelmente aplicável para qualquer leitor.

Dan mostra de forma convincente que essa é a maneira como Paulo pregava. Mas a abordagem não é meramente uma estratégia para conversas evangelísticas (embora certamente seja isso). Dan mostra que ela é também uma maneira para o cristão entender o mundo em que vive e os contextos culturais que se achegam dia após dia, para que ele possa viver fielmente “no mundo, mas não ser do mundo”.

Mais do que isso, Dan faz um chamado para que o cumprimento subversivo permeie a abordagem de toda a nossa comunicação — na pregação pública e no ensino, no pastoreio pessoal, na instrução e nas conversas. Isso significa nunca martelar informações às pessoas dizendo “Eu estou certo e você está completamente errado”. Também não se trata apenas de uma maneira de mostrar como o evangelho é atual e relevante. Envolve respeitar e contradizer. Significa desafiar as pessoas, mas mostrá-las que seus esforços falham em seus próprios termos. E significa oferecer a elas, nos termos do evangelho, o que todo o coração humano precisa — um significado que nenhum sofrimento pode roubar; uma satisfação não baseada em circunstâncias; uma liberdade que não destrói o amor e a comunidade; uma identidade que não lhe escapa, não o esmaga nem o leva a excluir outros; uma base para justiça que não transforma você em um novo opressor; um alívio da vergonha e da culpa sem recorrer ao relativismo; e esperança que o capacita a enfrentar qualquer circunstância com serenidade, até mesmo a morte.

Existe, na atualidade, muitos livros que nos convocam a encontrar novas maneiras de conectar nossa apresentação do evangelho às necessidades e perguntas das pessoas em uma sociedade secular e pluralista. E existe muitos outros livros que

nos chamam a viver fielmente em uma cultura ocidental que deixou para trás o cristianismo, sem se nos afastarmos dela nem nos moldando a ela. Mas o livro de Dan, *Conectados*, nos fala nos e mostra como fazer isso. Não existe realmente nada como o livro que está agora em suas mãos.

Timothy Keller

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo de constantes informações.

Pense no seu dia até agora. Minha manhã foi assim...

O alarme liga o rádio: ministro do governo é massacrado por sua política de educação.

Levar o cachorro para passear, fones de ouvido bem ajustados, escutando um podcast de crítica de filmes.

Fazer o lanche para as crianças levarem, o rádio tocando ao fundo, tentando evitar que sua filha mais nova ative a Alexa e ponha para tocar a música-tema de Power Rangers no volume mais alto, até quase sangrar os ouvidos. (Diga-me uma coisa: por que quando eu grito, “Alexa, pare”, ela não para, mas quando meus filhos dizem para ela parar, ela o faz imediatamente?)

Dar uma olhada no aplicativo de notícias: política, economia, esporte, economia, política.

Aplicativo do tempo: chuva.

Já estou acordado há 45 minutos e os meus sentidos foram submetidos a uma torrente de informações.

Especialistas em tecnologia declararam que a quantidade de informação registrada e gerada desde o aparecimento da humanidade até 2003 era na ordem de 5 exabytes de dados, sendo que um exabyte indica 1.000.000.000.000.000 bytes. De 2003 a 2010, nós geramos 5 exabytes a mais. Até 2018, 90% dos dados do mundo inteiro haviam sido gerados nos dois anos anteriores. Quando você considera que 400 horas de novos vídeos são carregados no YouTube a cada minuto, essa nova realidade não surpreende. É uma quantidade grande demais de vídeos de pegadinhas para assistir.

CONTANDO HISTÓRIAS

Mas as pessoas não recebem as informações em bytes. Nosso smartphone pode estar baixando bytes de informação, mas nosso cérebro não — nossa mente e nosso coração operam por meio de histórias. Agora, quando falo de “histórias”, não me refiro aos tipos de história que lhe ensinaram a escrever na escola, com um começo, meio e fim (geralmente bem previsível). Essas histórias são todas as experiências, sentimentos, imaginação e ideias que comunicamos de um ser humano para outro. Nós as lemos em jornais, as assistimos no cinema, as escutamos sendo cantadas no rádio do carro, as vemos no Instagram, e as emolduramos em nossa casa.

Durante o tempo em que estamos acordados, estamos sempre assimilando e contando essas histórias culturais. Uma pesquisa recente mostrou que o cidadão americano comum consome mais de dez horas de mídia todos os dias. Acredita-se que você passará sete anos e meio da sua vida assistindo TV, e mais de 5 anos nas redes sociais. Mas existem muitas horas em um dia, certo? Não é de espantar quando dizem que a maior concorrente da Netflix não é outra empresa, mas a necessidade que o ser humano tem de dormir.

Mas, para a maioria de nós, essa infinitude de informações é assoberbante, pelo menos parte do tempo. Nos sentimos como o título daquela antiga música de 1940 por Rodgers e Hart: *Bewitched, bothered and bewildered* [Enfeitiçados, incomodados e perplexos]. Serviços de busca nos deram acesso a mais informações do que a *Encyclopedia Britannica* jamais poderia dar (se você é jovem demais para saber o que é isso — pesquise

no Google!), mas nunca estamos seguros de que temos a resposta certa.

Todas essas informações nos apresentam um problema: como sabemos o que é verdade? Então procuramos por uma autoridade em quem possamos confiar. No geral, a maioria das pessoas parece ter um desejo profundamente assentado de confiar em pessoas e instituições. Queremos que nossos atletas estejam livres de narcóticos e que aqueles responsáveis pelos esportistas não sucumbam a subornos. Alguns de nós lembram de forma nostálgica de quando as crianças podiam brincar nas ruas, e de quando podíamos comprar leite na loja da esquina sem ter de trancar a porta. Mas agora não dá para ler uma notícia online sem nos perguntarmos se é uma *fake news*. Parece que nosso tempo diário de exposição às redes sociais é ditado por algoritmos inteligentes ou por corporações perversas.

Para os cristãos, há ainda outra pergunta: como sabemos o que é *certo*? Como seguidores de Jesus, queremos pensar, falar e agir de forma que o honre. Queremos “pensar nas coisas do alto” (Cl 3.2), mas na realidade, na maior parte do tempo, nossa mente está imersa em um fluxo constante de histórias. O problema não é que essas histórias culturais sejam ruins em si mesmas e por si mesmas. Trata-se mais de estarmos mal preparados para saber o que fazer com elas. Como aquilo que assisto sábado à noite pode estar conectado com o que ouço no domingo pela manhã? Mal temos tempo para pensar sobre isso e a próxima programação começa automaticamente. Então, na maioria das vezes, não pensamos.

Não sou diferente, e ganho o meu sustento pensando nessas coisas. A ambiguidade moral está por todos os lados. Certo

tempo atrás, li uma entrevista com Miley Cyrus, a estrela da Disney que se transformou em um ícone pop global. Por um lado li: “Estou aberta a literalmente qualquer coisa que seja consensual, que não envolva animais e em que todas as pessoas sejam maiores de idade. Tudo que é legal perante a lei, topo participar. Meu, eu encaro qualquer adulto — qualquer pessoa acima de 18 anos que esteja a fim de me amar. Ser homem ou mulher não é algo relevante para mim, e tampouco preciso exigir que meu parceiro se preocupe com isso.”. Porém, perto do fim da entrevista, ela começou a descrever seu projeto de caridade para com os sem-teto: “Não posso passar com meu [palavrão] Porsche e não fazer alguma [palavrão] coisa. Vejo isso o dia inteiro: pessoas em seus Bentleys e Rolls e nos seus Ubers, passando por esses [veteranos] que lutaram por nosso país ou por essas jovens mulheres que foram estupradas. Eu estava fazendo um show há dois dias... vestida como seu eu fosse uma borboleta. Como pode ser assim? Como posso ser tão sortuda?”¹

Qual é minha reação? Como concilio a filosofia sexual de Miley com seu senso de justiça social? Devo rir? Devo chorar? Devo simplesmente ficar em silêncio? Devo juntar todas as minhas reações anteriores? Ou talvez tudo o que eu consiga fazer seja usar o emoji: 😞

Um poema recente de Anthony Thwaite, que usa palavras antigas, parece expressar como a maioria de nós se sente. Ele descreve o poema como um “suspiro exausto de um homem velho”.

“Puxa vida.”

¹Disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2015/jun/10/miley-cyrus-idont-relate-to-being-boy-or-girl>.

Quantas vezes eu disse essas palavras nesses últimos dias, resmungando-as silenciosamente sob o meu respirar, ou petulantemente enquanto o telefone toca, ou chocado ao deparar-me com uma informação noticiada, ou simplesmente como uma fórmula constante, por coisas que passam diariamente, e somem adentrando o nada onde a vida parece estar, dia após dia, como se fosse algo incessante. Suave demais para ser um palavrão, repetitivo demais para ter distinção, mais suspiros do que gritos de raiva, quantas vezes eu disse essas palavras nesses dias e posso muito bem dizê-las até o dia de minha morte quando tudo estiver gasto e duro pela idade e eu não tenha nada mais a dizer a não ser “Por quê?”.²

Em resumo, quando olhamos ao nosso redor, talvez vejamos um poster na parede dizendo: “Mantenha a calma e siga em frente”, mas não somos exatamente calmos e está cada vez mais difícil seguir em frente.

TRÊS REAÇÕES

Se você é cristão há um tempo, então provavelmente já ouviu o velho clichê de que precisamos “estar no mundo, mas não ser do mundo”. Mas o que isso significa de fato? Ou então você ouviu o trecho de Paulo: “Estejam sempre preparados para responder a qualquer um que pergunte qual é a razão da esperança que há

²Anthony Thwaite, disponível em: <https://www.spectator.co.uk/2015/06/oh-dear/>. Utilizado com permissão.

em vocês” (1Pe 3.15), mas você está com medo que alguém de fato lhe pergunte, pois você não saberia o que responder. E se fosse alguém como a Miley?

Então, o que fazemos? Acho que muitos cristãos respondem à cultura com uma dessas três formas (e o restante de nós responde com uma combinação das três).

Alguns de nós simplesmente querem “observar”. Enfiamos a cabeça na areia, entramos em nosso ajuntamento santo e em nossa bolha cristã, e a isso nos agarramos para ter uma vida preciosa. Tapamos os ouvidos para não ouvir o barulho lá fora e, ao mesmo tempo, cantamos juntos, em alto e bom som, uns para os outros, sobre o retorno iminente de Jesus, quando todas as coisas do mundo lá fora desaparecerão. Até lá, nos mantemos protegidos de influências mundanas lendo apenas romances Amish ou os lançamentos recentes do nosso pastor famoso preferido. Se estivéssemos fazendo terapia, isso seria chamado de reação de “fuga” santa.

Alguns de nós instintivamente “atacam”. Essa é nossa reação de “luta” santa. Ficamos muito ressabiados, nervosos e apontamos o dedo à cultura ao nosso redor. Ou simplesmente desaprovamos e viramos os olhos diante de cenas de sexo em filmes ou da linguagem obscena na TV. E em seu auge, nossa fé saudável no juízo, se transforma em julgamento odioso. Nossa proclamação das boas-novas de Jesus é ouvida como um discurso moralista. E então nos perguntamos por que as pessoas “lá fora” não querem estar conosco “aqui dentro”.

Por fim, alguns de nós acabam ficando “parecidos”. Qualquer que seja a motivação, nossa vida — e nosso modo de viver a cultura — não se diferencia da vida do vizinho ao lado, e

nossa igreja acaba ficando não muito diferente do time de futebol local. Talvez seja uma boa intenção para manter-se “relevante”. Talvez seja uma reação contrária a julgamentos. Talvez seja simplesmente uma tolerância à nossa natureza pecaminosa. O quer que seja, temos dificuldade em sermos reconhecidos como “povo escolhido, sacerdócio real, nação santa, propriedade exclusiva de Deus” (1Pe 2.9). Tornamo-nos *experts* em nos conformar “ao padrão deste mundo” mesmo que tenhamos sido claramente advertidos a não fazê-lo (Rm 12.2).

Observamos, atacamos ou nos assemelhamos: qual reação você está mais propenso a ter?

INTERAJA

Permita-me sugerir que há uma outra maneira — e é disso que trata este livro. Porque é possível estar verdadeiramente “no” mundo, em vez de “observá-lo”, sem ser “do” mundo e sem se parecer com ele.

É possível interagir com a cultura de uma maneira verdadeira e graciosa, não cheia de raiva e justiça própria.

É possível consumir a cultura sem ser enfeitado por ela — acreditando em tudo o que ela nos diz — ou sem deixar que ela nos confunda.

É possível assistir TV, ler romances e jogar vídeo games de uma maneira que realmente alimente nossa fé em vez de minguá-la.

É possível até que você — sim, você — seja aquela pessoa que comece conversando com um amigo sobre o jogo de futebol da noite passada e acabe falando de Jesus.

Este livro tem o propósito de prepará-lo para isso. Esta leitura vai ajudá-lo a assimilar as histórias culturais que você ouve todos os dias. Quero lhe dar a confiança para pensar e falar sobre a cultura de modo a conduzir as pessoas para uma realidade maior e melhor: a história do rei Jesus e seu plano cósmico para este mundo. Porque você não pode escapar da cultura. Mas você pode interagir com a cultura.